



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

ARQUITETURA NEGRA NO SUDESTE BRASILEIRO NO SÉCULO XIX

KAREN PESSOA FREIRE¹

Orientação: DRA. ANA CLAUDIA CASTILHO BARRONE²

Resumo: O artigo apresenta o início de pesquisa sobre a influência das tradições da África Negra Ocidental e Central sobre a arquitetura das moradias escravas no sudeste brasileiro no século XIX, procurando levantar suas características volumétricas, técnicas construtivas empregadas, programa e uso das habitações. Trata também das reminiscências desses modos de construção na arquitetura popular brasileira no século XX, nas casas simples, de poucos ambientes, executadas artesanalmente a partir de materiais naturais extraídos do entorno. A presença reduzida na historiografia, ou simples ausência, da participação das culturas negras na arquitetura brasileira – que durante a eleição dos objetos componentes do patrimônio arquitetônico nacional foi desprivilegiada – é um dos temas aqui abordados.

Palavras-chave: Senzala; Arquitetura Popular Brasileira; Pau-a-pique; Taipa de mão

1. ARQUITETURA POPULAR NA HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA

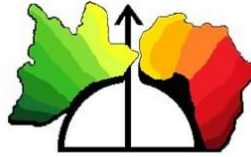
A história, como uma memória sobre o passado humano construída a partir de demandas contemporâneas de quem a manipula, é um artefato ao qual se recorre sempre que necessário justificar ações do presente ou repensar projetos para o futuro.

Em seu artigo “*fundando a nação: a representação de um Brasil barroco, moderno e civilizado*” publicado em 2003, Márcia Chuva³ sintetiza questões relacionadas ao projeto modernista de inserção da arte brasileira no contexto internacional, implantado através da atuação de intelectuais do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional criado em 1937 durante o Estado Novo

¹ Bacharel em História pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, Arquiteta e Urbanista pela Universidade Paulista e aluna especial de pós-graduação em História Social na FFLCH-USP e na área de concentração de História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo da FAU-USP - karen.freire@usp.br

² Arquiteta e urbanista, docente do Departamento de Projeto da FAUUSP - anabarone@usp.br

³ CHUVA, Márcia. *Fundando a nação: a representação de um Brasil barroco, moderno e civilizado*. Topoi, v.4, n.7, jul-dez. 2003, p.313-333



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

Objetivando a criação de uma unidade nacional através de bens que fornecessem lastro a uma ancestralidade comum aos povos brasileiros e contornasse conflitos internos, intelectuais do SPHAN integram o quadro de fundadores da nação, entre eles Lúcio Costa e Rodrigo Melo Franco de Andrade. Crentes na universalidade da cultura e arte, reafirmaram a herança européia portuguesa predominante na formação da sociedade brasileira, deixando em segundo plano o papel de indígenas e negros. Criam assim o conceito classificador “barroco brasileiro”, subdividido em períodos correspondentes à História da Arte européia, dentro do qual enquadram as obras produzidas dentro do território dos séculos XVI e XIX.

Na criação de um mito de origem para formação da nação brasileira que tornasse o País digno de inserção no ocidente civilizado, foram utilizadas idéias de hierarquia racial em voga no momento, onde a herança portuguesa predominante teria se permitido o amálgama com outras para adaptação ao novo meio e sociedade, onde entram a influência negra e indígena dos primeiros tempos.

A construção de um passado remoto que dá identidade a um grupo é um artifício comum no pensamento ocidental⁴. Para nossos modernistas o retorno ao “primitivo, à essência, a busca da origem pura e verdadeira da nação, devolveria ao povo seu vigor perdido.

Sob essa perspectiva, a partir da década 1930 se elegem os objetos dignos de compor o patrimônio arquitetônico e artístico brasileiro, sendo privilegiados monumentos representativos do poder político e econômico, fossem eles as casas de câmara e cadeia, igrejas, residências de oficiais da administração portuguesa e grandes proprietários ou

⁴ Rykwert em “A Casa de Adão no Paraíso” escrito em 1981 mostra como o homem primitivo e sua edificação primeira é ponto de referência constante na teoria arquitetônica de diferentes povos em diferentes épocas, sempre que há desejo de renovação de paradigmas ou se buscam reformas de práticas corrompidas



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

de heróis mestiços desbravadores dos territórios americanos que expandiram os domínios coloniais.

Ficaram às margens dessa primeira constituição do patrimônio nacional de arquitetura os fenômenos regionais e as construções destinadas à população trabalhadora⁵, composta nos períodos colonial e imperial majoritariamente por negros, indígenas e brancos pobres, livres ou escravizados. Na edificação das moradias desses grupos predominavam as estruturas de madeira com vedação em taipa de mão, cuja simplicidade de execução e facilidade de acesso aos materiais, assim como os conhecimentos construtivos no uso da madeira e barro pelos seus realizadores, foram fatores determinantes na profusão dessa técnica nas construções do período.

Se no momento de formação da identidade nacional, o projeto modernista de construção de uma imagem de Brasil que o nobilitasse para o pertencimento ao Ocidente Civilizado⁶ foi útil, as demandas atuais exigem a ampliação do campo de estudos históricos da arquitetura que extrapolem não só as barreiras da monumentalidade, como também da concepção eurocêntrica de atribuição de valor, a qual ainda nos vemos apegados⁷. Os africanos aqui aportados durante o período colonial e imperial trouxeram consigo ricas tradições culturais. Base fundamental da população e da mão-de-obra do País, a influência do saber fazer negro na arquitetura é ainda pouco explorada na historiografia.

O artigo aqui apresentado faz parte de um esforço de compreensão das influências das tradições culturais oriundas da África Negra, e suas formas de adaptação à nova realidade, nas construções utilizadas e executadas pelos africanos e descendentes no sudoeste brasileiro no século XIX durante a vigência da escravidão, quando a economia

⁵ CHUVA, Márcia. Obra citada.

⁶ A inspiração aqui vem da proposta de descolonização da produção do saber científico e do pensamento apresentado pela Mary Louise Pratt em *Olhos do império: relatos de viagem e transculturação*. Bauru/ São Paulo: EDUSC, 1999.



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

da região girava entorno da produção de café. Ou seja, o reconhecimento e caracterização das edificações dos negros, seja em sua volumetria, distribuição física no espaço e técnicas construtivas, seja nas maneiras de utilização dos ambientes construídos e entorno. Estando agora no princípio do levantamento de fontes e trabalhos sobre o tema, apresento o pouco que tenho em mãos no momento.

Devo o início dessa pesquisa ao auxílio das professoras Dra. Ana Claudia Castilho Barone e Dra. Maria Lucia Bressan Pinheiro da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e da prof. Dra. Leila Maria Hernandes da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.



(Fig.01)

"Habitação de negros", litografia de I.L.Deroi a partir de desenho de J. M. Rugendas
Fonte: Robert Slenes



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

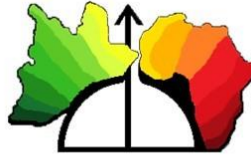


Fig.02) "Senzalas", litografia de Victor Frond. In: Charles Ribeyrolles, Brasil Pitoresco
Fonte: Robert Slenes

2.1. ALGUNS REGISTROS PICTÓRICOS DA MORADIA NEGRA NO SÉCULO XIX

Na primeira imagem (fig.01) podemos identificar algumas pessoas realizando atividades cotidianas em um ambiente externo em frente a uma construção, emoldurados por vegetação abundante. Uma mulher que surge do interior da edificação acende o cachimbo do homem sentado junto à porta, alguns executam trabalhos manuais, três crianças nuas observam os adultos e uma quarta criança participa de algum serviço. Todos estão descalços. Duas galinhas e alguns abacaxis na lateral direita acrescentam maior domesticidade à cena. Na composição o grupo está disposto na metade inferior da imagem sem uma ordenação geométrica clara em movimentos diversificados, dando a sensação de dinamismo à cena.

A construção que ocupa boa parte do centro da composição, tomada as proporções das pessoas a sua frente, deve medir cerca de 2,0 x 3,0 metros em planta, com não mais que 3,0 metros de altura em seu ponto mais alto. O telhado de duas águas é coberto com



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

algum tipo de folha de palmeira, com apenas uma abertura visível para porta de acesso, não muito mais alta ou larga que a pessoa sob o vão. Ao fundo e acima uma segunda construção aparece isolada de vizinhos laterais, executada em diferente material com presença de um balcão de onde uma mulher de pele clara e cabelos escuros observa o grupo abaixo.

A litografia intitulada “habitação de negros” foi produzida em 1835 a partir do desenho de Johann Moritz Rugendas, artista bávaro que viaja pelo Brasil no início da década de 1820. Pelo título define-se então que a construção trata-se de uma casa. Ficam as questões sobre quem é esse desenhista e qual sua relação com a cena representada. Que tipo de habitação seria essa e quem são seus habitantes? São livres? A presença da observadora em um plano superior ao fundo faz suspeitar que não.

A segunda imagem (Fig.02) possui tema semelhante ao da anterior, uma construção térrea isolada em área vegetada com pessoas a sua frente. Desta vez o observador está posicionado com maior distância e elevação em relação ao pequeno grupo, fazendo com que a paisagem predomine no horizonte. Galhos e maciços arbóreos dividem com a edificação o centro da composição, enquanto uma árvore de grande porte ao centro eleva o olhar para céu. Comparada à primeira podemos compreender a cena como monótona.

Pelas vestimentas podemos identificar um homem sentado na soleira de uma porta e três mulheres junto a uma mesa no canto inferior direito, novamente todos negros. Vistos ao longe, não conseguimos precisar bem suas feições ou atividades realizadas.

A construção possui planta retangular com telhado cerâmico de quatro águas que se prolonga na lateral recobrando trecho externo. Sem presença de janelas frontais, o corpo principal da edificação conta com três portas com esteios verticais entre elas e nas extremidades, e mais um cômodo em sequência com porta mais baixa e pé-direito



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

acompanhando a caída do telhado. Os vãos entre os esteios parecem ter menos de 2,0 metros de largura, totalizando máximo de 8,0m de comprimento em planta, e cerca de 3,0 metros altura na fachada sob beiral.

De autoria de Victor Frond, artista francês exilado no Brasil na época de Napoleão III, a litografia foi publicada em 1859. O título “Senzalas” já nos antecipa o tipo de uso, moradia, e condição do morador, escravizado.

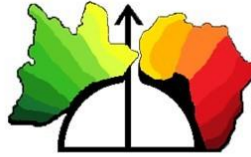
Temos então duas obras executadas em épocas próximas tratando de moradias negras. A partir da aproximação inicial desses documentos iconográficos podemos levantar algumas questões sobre características e formas de uso das habitações dos negros, mas também sobre a confiabilidade desses registros. Como obra artística, a apresentação da imagem não se restringe a um momento capturado instantaneamente, é antes um arranjo executado a partir de dados observados compondo uma forma de discurso⁷. A extração de informações de obras pictóricas ou escritas da época, usadas como documentos primários, deve ser feita mantendo em mente que todo registro está impregnado de seu autor, cuja vivência e cultura se transfere para obra de alguma maneira, sendo necessária a investigação sobre quem são os produtores dos documentos utilizados.

2.2. MORADIA NO CATIVEIRO

Em seu estudo sobre famílias escravas no sudeste no século XIX Robert Slenes⁸ trata das habitações dos cativos a partir de imagens e relatos de viajantes ou membros das elites nacionais. Tendo usado algumas das litografias apresentadas (Fig.01, 02 e 03),

⁷ A análise das imagens toma como referência o trabalho do professor Rodrigo Naves sua obra “*A forma difícil: ensaios sobre arte brasileira*”. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

⁸ **SLENES, Robert W.** *Na senzala uma flor: esperanças e recordações na formação da família escrava, Brasil Sudeste, século XIX*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. (p.131-236)



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

Slenes recorre também às descrições do livro de Rugendas e de Charles Ribeyrolles, companheiro de exílio de Frond, cujo texto é ilustrado pelas litografias do último.

Durante sua visita na década de 1820 Rugendas percorre prioritariamente Minas Gerais e Rio de Janeiro, mas passa também por Salvador e Recife, deixando dúvidas sobre as regiões às quais se referem suas obras. As imagens de sua autoria apresentam divergências em relação aos textos que acompanham seu livro *“Viagem Pitoresca através do Brasil”*, escritos por Victor Aimé Huber a partir dos relatos de Rugendas e de bibliografia secundária sem diferenciar as fontes.

Ao analisar os diferentes tipos de habitação escrava, Slenes classifica como *senzalapavilhão* (Fig.03) a construção de grande porte com série de cômodos dispostos em linha, como *compartimento/cabana* (Fig.02) o agrupamento de pequena série de cômodos, e *senzala-barraco* (Fig.01) a habitação unifamiliar. Mais de um tipo podia ser encontrado em uma só fazenda, ficando os solteiros prioritariamente em senzalas-pavilhão – com construções separadas para homens e mulheres –, com escravos casados preferindo o uso da senzalabarraco. As tipologias seriam adotadas também de acordo com o porte da fazenda ou preferência do proprietário.

Ribeyrolles, que visitou uma fazenda de café na província do Rio em 1858, observou que *“Os negros da fazenda, casados ou não, são alojados em compartimentos/cabanas [...] dispostos em filas alinhadas ou em grupos, de acordo com o terreno [...], construídos com paredes de terra, sem janelas e cobertos de palha, são chamados de ‘senzalas’ na língua do país, e cada negro [sic] tem o seu”* [SLENES, 1999. p.150-151]

[...] sobre as construções típicas de uma fazenda de cana [Rugendas] fala dos *“casebres dos negros”*, que com frequência correm paralelamente em dois lances, começando na altura da casa-grande e formando assim uma espécie de *“pátio”*. Trata-se aqui, possivelmente, de senzalas-pavilhão, se por *“lance”* se entende que os *“casebres”* estavam colados uns aos outros. Em todo caso, Rugendas deixa claro que nas propriedades menores, *“onde apenas se cultiva mandioca, milho, feijão ou algodão”*, bastavam *“algumas choupanas para os negros”*. [SLENES, 1999. p.158]



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

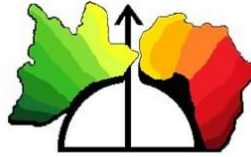
Sobre os materiais e volumetria das habitações o autor apresenta também o relato do viajante inglês Robert Walsh:

“As choças eram muito toscas, feitas com paus e cobertas com folhas de palmeira, e seu teto era tão baixo que só no centro dela [sic] uma pessoa conseguia manter-se perfeitamente ereta. Um tabique feito de vime trançado dividia as choupanas em dois cômodos (...); uma porta de taquara trançada vedava a entrada.” [SLENES, 1999. p.160]

Robert Slenes aponta algumas liberdades na execução das próprias moradias pelos cativos de acordo com seus padrões culturais e organizações familiares. Resiliências também manifestadas na similaridade dos modelos de senzalas brasileiras com construções tradicionais da África Central e Ocidental – regiões de origem dos povos trazidos durante o tráfico de escravos. Semelhanças essas mais que justificadas se pensarmos sobre quão recente eram a presença desses indivíduos no Brasil. A partir de recenseamentos da época, o historiador afirma que 80% dos escravos adultos das regiões de grande lavoura no Rio de Janeiro, São Paulo e da agropecuária mais dinâmica de Minas Gerais eram africanos, sendo os demais majoritariamente filhos de africanos.

Como destaca Rafael Marquese⁹ ao analisar a obra de Slenes, no Brasil os escravos recriam técnicas de construção empregadas em seu continente de origem, como o uso de paus de forquilha para sustentação da cobertura, adoção de cômodos pequenos com ausência de janelas. *‘Afora os elementos formais da construção, o sentido básico da moradia negra – “a definição de como se usavam espaços internos e externos” teria permanecido o mesmo na passagem da África para o Brasil: a cabana não era o local de moradia em um sentido burguês, mas apenas o local do sono ou do abrigo contra as variações do tempo; o habitar, portanto, se desenrolaria antes no entorno da cabana do que no seu interior.’* [MARQUESE, 2005. p.03]

⁹ MARQUESE, Rafael de Bivar. *Moradia escrava na era do tráfico ilegal: senzalas rurais no Brasil e em Cuba, c. 1830-1860*. Anais do Museu Paulista, v.13. n.2. Jul – Dec. 2005.



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

Ainda sobre as características comuns entre as habitações dos negros nas regiões estudadas do Brasil e África, Slenes seleciona os relatos de um religioso francês no início do século XVIII retratando construções do Reino do Congo com espaço interior da mesma altura de uma pessoa em pé, com portas muito baixas e sem janelas; e de Mahommah Baquaqua, indivíduo capturado na África Ocidental que ao ser levado para a costa onde ocorria o embarque de escravos, relata seu assombro ao ver pela primeira vez um homem branco e casas com janelas.

Sobre as senzalas-pavilhão, Günter Weiner identifica proximidade com as construções do povo Fangue, de origem bantu, que povoam a fronteira entre Gabão, Guiné Equatorial e Camarões na África Ocidental. Seus aldeamentos são ordenados linearmente em duas filas de casas retangulares geminadas de 3,0 x 4,0 metros cada, sem presença de janelas, sob cobertura contínua de duas águas de folhas palmeiras, formando grandes edifícios conhecidos por Sanzalas (Fig.04), também encontradas no norte de Angola¹⁰.

Já o estudo de Rafael Marquese discorre sobre o processo de padronização da arquitetura das senzalas nas fazendas cafeeiras de Cuba e Vale do Paraíba no segundo quarto do século XIX, quando houve acirramento das relações com os escravos e maior restrição das escolhas habitacionais pelos cativos.

Essa autonomia de agenciamento da construção das habitações teria sido rompida quando houve a proibição do tráfico de escravos e o aumento das tensões internas em torno da escravidão, sendo ampliado o controle sobre o trabalho cativo também através da normatização de suas moradias em senzalas de quadra, organizadas entorno dos terreiros de café, observáveis a partir da vivenda senhorial e encerrada por portão único.

¹⁰ WEIMER, Günter. *Arquitetura Popular Brasileira*. São Paulo: Martins Fontes, 2005. (p.147)



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

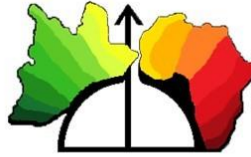
Se a proposta de pesquisa é investigar a arquitetura destinada à população negra, começar pela sua manifestação em cativeiro – onde toda ação está submetida aos interesses dos senhores dos escravos, sendo talvez a forma mais limitada da produção arquitetônica – pode parecer desapontador. A escolha agora se fez por duas motivações, primeiro pela maior disponibilidade inicial de documentos primários devido ao grande interesse que o tema recebeu no século XIX; segundo por se apegar à hipótese de que mesmo submetidos a certas determinações construtivas impostas pelos proprietários e pela carência de recursos, ao executar as edificações para seu uso sobreviviam algumas características oriundas de suas culturas de origem, mesmo que restritas apenas à utilização de seus conhecimentos práticos sobre o uso dos materiais.

3. POVOS AFRICANOS NO BRASIL

Entre os povos da África Negra os que majoritariamente foram seqüestrados entre o fim do século XIV e XIX com destino à América portuguesa e ao império brasileiro eram originários da África Ocidental – região a sudoeste do Saara que compreende as áreas entre o rio Senegal e o rio Cross onde está localizado o Golfo do Benin – e da África Central dominada por diferentes povos falantes de línguas com raízes comuns, que nomeamos generalizadamente como povos Bantu¹¹.

Misturados nos portos de embarque e desembarque e também no comércio interno, não era possível que os indivíduos apartados de suas comunidades mantivessem suas redes de relações sociais, religiosas ou mesmo suas identidades de origem. No amálgama entre diferentes grupos de africanos com portugueses e nativos são criados novos códigos culturais no Brasil, diferentes dos existentes na África. Recebendo em território

¹¹ A Identificação dos povos africanos trazidos para o Brasil durante a escravidão, e suas adaptações à nova sociedade foram baseadas aqui no manual de Marina de Mello e Souza. 13 **WEIMER, Günter.** *Arquitetura Popular Brasileira*. São Paulo: Martins Fontes, 2005. (p. XLI-XLII)



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

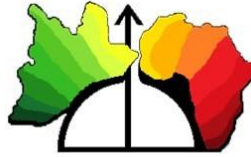
americanas nomeações de origem genéricas, o reconhecimento de identidade que prevaleceu estava na diferenciação entre “boçais”, africano não falante do português portador dos costumes de sua origem, “ladinos”, africanos falantes do português adaptados aos costumes locais e, “criolos”, nascidos no Brasil tendo o português como primeira língua e batizados, nome também dado aos mestiços indígenas. É diferenciado também o “forro”, ex-escravo alforriado, do “livre”, nascido liberto do ventre de mãe livre.

Ao longo do século XIX a população negra e mestiça vai se tornando majoritariamente livre ou forra, quando fração significativa da sociedade questiona a escravidão. A proibição da escravidão ocorreu somente no ano anterior à queda da monarquia no Brasil, a pouco mais de uma década do fim do século XIX.

4. ARQUITETURAS AFRICANAS INFLUENTES NO BRASIL

Uma vez que a edificação de uma moradia popular costuma envolver tanto conhecimentos técnicos obtidos através do aprendizado prático com antecessores, quanto o atendimento de necessidades cotidianas de trabalho, descanso e lazer doméstico, cujos hábitos são cultivados desde a infância, é verificada a manutenção das escolhas de técnicas construtivas e programas habitacionais por séculos. Seguindo o raciocínio de Günter Weimer¹³, na arquitetura popular o resultado plástico está subordinado às técnicas e materiais disponíveis, existindo uma relação diretamente proporcional entre as limitações econômicas e adaptação às condições ecológicas locais.

Seria ingênuo esperar encontrar construções típicas africanas simplesmente transplantadas para outro continente. A inserção forçada do negro em uma situação tão diversa da original inevitavelmente gerou novas formas e usos das construções. Não só foram necessárias adaptações devido às diversidades ecológicas, mas também derivadas de seu papel na nova sociedade onde estavam direta ou indiretamente



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

relacionados à escravidão, quando houve grande mistura de etnias. Durante a reinvenção de suas identidades e modo de vida recriaram também sua forma de morar, onde a carência de recursos materiais, muitas vezes acrescida à situação de cativo, foi um fator determinante.

As condições limítrofes de existência envolvidas na execução dessa forma de arquitetura à relacionou a imagem de pobreza e precariedade. Porém, mesmo após adaptações, parecem persistir certos padrões em comum entre construções brasileiras executadas pelos africanos e descendentes e suas ancestrais no continente de origem.

Na arquitetura tradicional africana, são inúmeras as variações das moradias, mesmo entre as mais simples, derivando de acordo com as diferentes etnias e ecologias. De maneira geral, as construções são térreas, com paredes de pau-a-pique - com ou sem fechamento da estrutura com barro ou folhagens -, taipa de pilão ou adobe; cobertura vegetal de folhas de palmeira ou palha; piso de terra apiloada; com janelas externas ausentes ou de pequenas dimensões. É comum a presença de varandas e quintais cercados ao fundo, sendo encontradas também construções sobre palafitas.

As cubatas (casas) de um único cômodo com planta circular e cobertura cônica, comuns entre os povos bantu em tempos de diáspora, não tiveram maior presença em território brasileiro, com exemplar documentado no Quilombo Buraco do Tatu na Bahia no século XVIII (Fig.06).

Os autores estudados apontam que entre as tipologias arquitetônicas usuais dos povos africanos aqui desembarcados, algumas das mais facilmente identificadas no Brasil são dos Quimbundo, dos Imbangala nos Quilombos, e dos Fangue nas Senzalas com já visto



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

anteriormente, todos Bantu.¹² Os complexos residenciais dos lorubás também possuem descendente brasileiro com nova destinação de uso.

Habitantes do litoral sul da atual Luanda, o povo *Quimbundo* usa em suas moradias plantas retangulares com avanço frontal dos telhados formando alpendres (lussambo), ao fundo do lote há quintais delimitados por cercas (de tábuas, troncos, chapas de zinco ou cercas vivas) onde se cozinha a céu aberto e também é instalada a fossa negra (kibungu). As construções são baixas, de pau a pique vedadas por barro ou capim, piso em terra batida, porta de entrada a esquerda, com ou sem presença de pequenas janelas, divididas internamente em três cômodos (sala à frente, dormitório intermediário e comedor aos fundos junto ao pátio posterior).

Já os quilombos (fig.05) são aldeamentos de conformação livre organizados por associações clânicas ou familiares. Seu surgimento ocorreu entre os séculos XVI e XVII, a partir da união dos povos jaga e lunda em um exército nômade conhecidos por *imbangalas* que dominam a região mbundu (em Angola e Zaire), criando uma instituição militar transcultural que reunia homens de diferentes linhagens através de rituais de iniciação assimilando os vencidos em suas tropas¹³.

No Brasil o advento dos quilombos (Fig.06) ocorreu consecutivamente a sua difusão na África. Entendido em um primeiro momento como restritos ao período de escravidão, relacionados aos locais de fuga de difícil acesso e isolados da sociedade, a historiografia e arqueologia recente mostra que podem ser formados em diferentes contextos. Não estão necessariamente ligados à escravidão ou às populações negras, sendo antes um

¹² As características gerais das construções dos povos citados foram extraídas da obra citada de Günter Weiner (p.128-131, p.147 e p.151)

¹³ A forma de utilização entre os Bantu de prefixos classificadores junto aos nomes dos povos para indicar plural, singular e língua falada, assim como a origem histórica dos quilombos na África foi extraída do artigo de Kabenguele Munanga, *Origem e Histórico do Quilombo na África*. Revista USP, São Paulo, Dez.-Fev. 95/96, p.56-63.



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

local de acolhida de populações pobres (fossem brancas, indígenas, negras ou mestiças), onde exercem comércio de pequena escala com núcleos urbanos próximos, prevalecendo os laços de parentesco e compartilhamento de espaços de culto e lazer¹⁴.

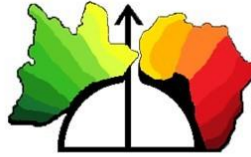
Com presença populacional numericamente significativa em ambos os continentes, os *Iorubás* possuem formação social patrilinear e poligâmica. A arquitetura tradicional ioruba é caracterizada pelo agrupamento de série de pequenas casas (2,6 a 3,3m de profundidade por 1,3 a 1,6m de largura) sob um grande telhado comum de palha ou folha de palmeira abrigando toda a família extensa, podendo chegar a centenas de pessoas resultando em casas de até 500m², conhecidas por *compounds*.

Conforme apresentam Manuela e Marianno Cunha¹⁵, os complexos habitacionais urbanos africanos podem reunir essas pequenas casas linearmente ao longo de pequena varanda coletiva; formando um pátio central aberto em “L” ou em “U”; ou se fechando para o exterior ao formar um quadrado ou retângulo em torno de pátio descoberto com cisterna, com entrada para o conjunto através de portão único (Fig.07). Nessas fortalezas, o barro e o sapé eram todo material usado nas paredes, piso, teto, potes e pratos, inexistindo móveis em madeira. Janelas são raras e as portas baixas vedadas por madeira dura. Conhecido como povo incendiário, na incidência de fogo as varandas e telhados se extinguem, mas o interior da habitação vedado entre paredes e porta única se mantém intacto.

A simplicidade das construções se estendia dos súditos aos reis. “*Carente de requinte*”, a arquitetura dos *compounds* recebem inovações com o retorno de ex-escravos brasileiros, que trazem também os sobrados. Com a pressão da indústria inglesa a partir

¹⁴ **MARQUES, SÍLVIA CORRÊA.** *Paisagens reveladas: o Jaó cabloco, quilombola, brasileiro.* Tese de doutorado. Universidade de São Paulo, Museu de Arqueologia e Etnologia. São Paulo: 2002. (p.78-79)

¹⁵ **CUNHA, Mariano C.; CUNHA, Manuela C; VERGER, Pierre** (fotos). *Da Senzala ao Sobrado: arquitetura brasileira na Nigéria e República Popular do Benin.* São Paulo: Nobel e Edusp, 1985.



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

de meados do século XIX os telhados começam a receber folhas de ferro corrugado, com grandes prejuízos térmicos, as janelas passam a ser aceitas e as suas vidraças desejadas. Assim os *compounds* iniciam seu processo de rareamento, mas ainda foram encontrados na cidade mãe Ifé na época da pesquisa do casal Cunha.

Protegidos espiritualmente por altar de Exu na entrada do conjunto e pelas divindades e ancestrais dos núcleos familiares que nela habitavam, com enterro de seus mortos no interior do pátio, os *compounds* teriam sido origem do terreiro de candomblé, com o último contando com distribuição similar de cômodos em planta, tendo Exu a guardar o acesso ao local de celebrações religiosa e reunião comunitária, com os orixás em seus quartos individuais representando as famílias e o culto aos mortos no quarto de balé os de egun¹⁶.

4.1 ARQUITETURA POPULAR BRASILEIRA DE INFLUÊNCIA NEGRA

Gilberto Freyre e Lucio Costa, procuraram no interior do território nacional o primitivismo necessário à construção de um novo código estético e social moderno. A controversa obra de Freyre é pioneira ao apontar a mestiçagem racial entre português, indígena e africano com um fator positivo da formação da sociedade e cultura nacional. Seu ensaio sobre os Mucambos do Nordeste¹⁷ é um dos poucos trabalhos sobre a influência africana na arquitetura popular brasileira, afirmando que se na arquitetura senhorial doméstica dos primeiros séculos de colonização ibérica no Brasil predominou a influência portuguesa enriquecida pela asiática e moura, na construção da casa popular mais simples a influência dominante foi negra e indígena.

“Na sua pureza de habitação vegetal, com os cipós fazendo as vezes de pregos e as portas feitas da propria palha ou folhas dos tapumes e da cobertura, o mucambo do

¹⁶ **SILVA, Vagner Gonçalves** . *Candomblé e Ubanda: caminhos da devoção brasileira*. S.Paulo: Selo Negro, 2005.(p.63-65)

¹⁷ **FREYRE, Gilberto**. *Mucambos do Nordeste: Algumas notas sobre o tipo de casa popular mais primitiva do nordeste do Brasil*. Rio de Janeiro, SPHAN-MÊS, s.d. (1937)



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

litoral do nordeste, quando construído no secco e entre coqueiros, exprime aquelle primitivismo de cultura de modo attrahente. As aldeias de mucambos desse typo surgem aos nossos olhos com uma doçura de povoações de ilhas do Pacifico (...). Alguns são até lacustres: palhoças trepadas em pernas de pau dentro dagua ou dos mangues.” [FREYRE. s.d. p.20]

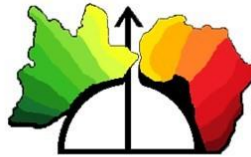
O estudo encabeçado por Freyre com ilustrações de Dimitri Ismailovitch e Manuel Bandeira sob encomenda do SPHAN apresenta plantas e perspectivas dessas residências elementares, com desenho de detalhes construtivos da estrutura dos telhados, trançado das janelas em palha, estrutura e vedação das paredes entre outros (Fig.08).

Também Lucio Costa na edição inaugural da Revista do Patrimônio do SPHAN em 1937 trata das “casas mínimas” do “colono”, as reconhecendo como as últimas “vivas” pertencente à antiga tradição, encontradas ao sair da cidade nas beiras de estrada.

“Feitas de “pau” do mato próximo e da terra do chão, como casas de bicho, servem de abrigo para toda a família (...) tudo de mistura e com aquele ar doente parado (...) ninguém liga de tão habituado que está, pois “aquilo” faz mesmo parte da terra como formigueiro, figueira-brava e pé de milho - é o chão que continua... Mas, justamente por isso, por ser coisa legítima da terra, tem para nós, arquitetos, uma significação respeitável e digna(...) Aliás, o engenhoso processo de que são feitas - barro armado com madeira - tem qualquer coisa do nosso concreto-armado e, com as devidas cautelas, afastando-se o piso do terreno e caiando-se convenientemente as paredes, para evitar-se a humidade e o “barbeiro”, deveria ser adotado para casas de verão e construções econômicas de um modo geral. (...)” [COSTA, 1937. p.34]

Como apontado por José Lira¹⁸, esses estudos fizeram parte de ampla discussão da época no Recife. Perspectivas divergentes – atendendo interesses sociais, higienistas ou imobiliários – entraram em disputa sobre as conveniências da manutenção ou extinção dos mucambos, muito comuns nessa cidade na primeira metade do século XX. Pela perenidade de seu material construtivo sem manutenções periódicas e devido à rejeição desse modelo habitacional – incoerentes com os novos padrões materiais de vida e

¹⁸ LIRA, José Tavares Correia. *A construção discursiva da casa popular no Recife (década de 30)*. *Análise Social*, vol. XXIX (127), 1994. (p.733-753)



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

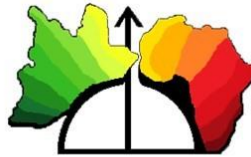
interesses do capital –, as reminiscências contemporâneas dos mucambos se tornam cada vez mais escassas.

As estruturas de madeira com pau a pique, quando usadas na totalidade do edifício, eram entendidas pela tradição teórica portuguesa como técnica primitiva. Podendo ser usadas nas construções provisórias, deveriam ser substituídas por outras mais adequadas, definitivas, assim que houvesse recursos. Os textos de Lucio Costa e Gilberto Freyre publicados através do SPHAN, esclarecem a complexidade do posicionamento hierárquico da técnica de pau a pique na teoria da arquitetura no Brasil. Apesar de utilizado em construções da elite econômica até o século XIX, o pau a pique foi relacionado no século XX à precariedade, a miséria e a doença. Porém, como técnica primitiva e, portanto, fundadora, é tema ao qual se dedicam os estudos de importantes intelectuais.

5. SISTEMA CONSTRUTIVO DE MADEIRA COM PAU-A-PIQUE E BARRO

Segundo o manual de Sylvio Vasconcelos de 1961¹⁹ o pau a pique é um tipo vedação possível de ser usado em construções de estrutura de madeira (Fig.09). Entre os baldrames e frechais são fincados perpendicularmente paus, geralmente roliços e com casca de diâmetro entre 15 e 20 cm, com espaçamento médio de um palmo entre os paus. Horizontalmente são colocadas varas ou ripas mais finas amarradas com cipó ou fibras vegetais, couro ou pregos. Essa armadura de madeira serve de sustentação para o barro posto com as mãos para preenchimento dos vãos, conjunto que pode ser nomeado como taipa de mão após seu barreamento. Pode ser usada para construção de paredes externas ou divisões internas, sendo uma obra econômica e de rápida execução.

¹⁹ **VASCONCELLOS, Sylvio C. de.** *Arquitetura no Brasil – sistemas construtivos*. Belo Horizonte, Escola de Arquitetura UFMG, 1958. 22 **CORONA, Eduardo & LEMOS, Carlos Alberto Cerqueira.** *Dicionário da Arquitetura brasileira*. São Paulo: Edart, 1972. p.362, 437-439



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

O material deve ser protegido da umidade do solo através do afastamento da base das paredes, e da exposição à chuva através de coberturas com beiral.

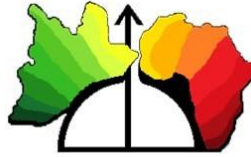
As definições de Eduardo Corona e Carlos Lemos no “Dicionário da Arquitetura Brasileira de 1972²² de pau-a-pique (palavra aqui aparece com apostrofes) e de taipa de mão concordam com as de Vasconcelos, onde se acrescentam indicações de seu uso em diferentes épocas e classes econômicas:

TAIPA - nome genérico que se costuma dar a todo sistema construtivo em que se emprega na confecção e paredes e muros de fecho, a terra umidecida ou molhada. (...) Trata-se de qualquer sistema em que os panos contínuos são executados diretamente no local (...). Existem dois tipos de taipa: a TAIPA DE PILÃO, e a TAIPA DE MÃO, de SEBE, ou, ainda, de SOPAPO. (...) Enquanto antigamente a taipa de mão estava vinculada a perfeito serviço de carpintaria e a ótimas e abundantes madeiras de lei, hoje em dia ela não passa de recurso modesto ao qual apela o lavrador sem meios e sem aprimoramento técnico. (...) [com] modestas construções de pau-a-pique das casas roceiras e dos mucambos mostrando, antes de tudo, a transitoriedade das obras. [CORONA & LEMOS, 1972. p.437-439]

A tese de mestrado de Antônio Luiz de Andrade²⁰ de 1984 a respeito dos sistemas construtivos do Vale do Paraíba utilizou instrumentos de análise e conceitos de Lúcio Costa, Carlos Lemos, Sylvio Vasconcelos, Luís Saia e Nestor Goulart Reis Filho.

Nela o autor define o conceito de “Sistemas Construtivos” (que consiste na compatibilização ou conjugação entre estrutura e técnica construtiva); de “Solução Estrutural” (forma como estrutura recebe os esforços das cargas); e de “Técnicas Construtivas” (procedimentos que relacionam o saber-fazer, os materiais empregados, as ferramentas e instrumentos da construção). Assim, o uso de caibros armados para distribuição uniforme das cargas do telhado sobre as vigas, constitui diferente sistema construtivo do telhado executado com tesouras, que origina cargas concentradas. [ANDRADE, 1984. p.15-16]

²⁰ **ANDRADE, Antonio Luiz Dias de.** *Vale do Paraíba, sistemas construtivos.* Dissertação de mestrado, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. 1984.



SALVADOR E SUAS CORES 2017

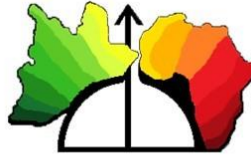
ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

Durante o século XIX, juntamente com o advento do café no Vale do Paraíba, surgiram as construções de madeira de estrutura autônoma, com alicerces de pedra e vedos de pau a pique ou adobe. Esse sistema construtivo predominou no Rio de Janeiro e Minas Gerais, enquanto os paulistas continuavam a preferir o uso das severas construções em taipa de pilão. Assim como Freyre e Lucio Costa, Andrade reconhece maior sobrevivência da técnica tradicional de pau a pique no século XX nas construções populares das periferias urbanas e áreas rurais, às quais intitula “Arquitetura Vernacular”, onde os baldrames, quando existem, geralmente são apoiados diretamente sobre o solo (sem alicerce) e raras são as peças de madeira aparelhadas, sendo utilizadas com sua sessão natural. Os telhados cobertos por palha ou telha de barro utilizam tesouras ou caibros armados, descarregando os esforços sobre as vigas e esteios de madeira. O uso do pau a pique nos exemplos estudados ocorre na vedação das paredes. Os materiais construtivos são extraídos do ambiente construção é feita pelo próprio morador com auxílio de seus vizinhos. (Fig. 10)

Ainda que muitos dos elementos estruturais não fiquem claros nas litografias apresentadas de Rugendas e Frond (Fig.01, 02 e 03), é possível reconhecer nas imagens a presença de esteios de madeira de seção retangular nos vão de portas e extremidades das construções (cunhais), sendo a construção representada por Rugendas visivelmente vedada por pau a pique e taipa de mão.

6. CONCLUSÃO

A menos que se queira manter uma perspectiva eurocêntrica da atribuição de valores às obras arquitetônicas, a inserção da contribuição negra na História da Arquitetura brasileira é necessária. A escassez de remanescentes físicos dessas edificações e assim



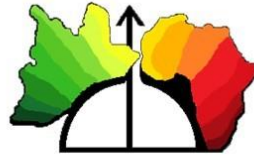
SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

como dos registros documentais dos complexos extintos é um obstáculo, mas não deve ser uma barreira aos estudos.

As obras que tratam diretamente do tema ainda hoje são pouco numerosas, sendo necessário recorrer aos trabalhos onde o assunto apareça como pano de fundo, tentando extrair dos cenários criados para as casas grandes as características das senzalas, conjuntos quilombolas, terreiros de candomblé ou outros.

Majoritariamente originários de culturas que não utilizavam a escrita, os relatos produzidos diretamente pelos africanos são extremamente raros, assim um dos grandes desafios é garimpar informações válidas a partir dos registros deixados por indivíduos externos as suas realidades, que assim como o observador da litografia de Victor Frond, estão posicionados acima e a distância dessas pessoas e seus modos de vida.



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO



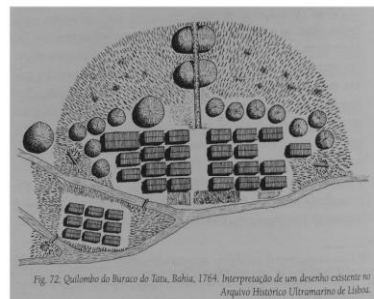
(Fig.03) "Antes da partida para a roça"
litografia de Victor Frond. In: C. Ribeyrolles.
Fonte: Robert Slenes



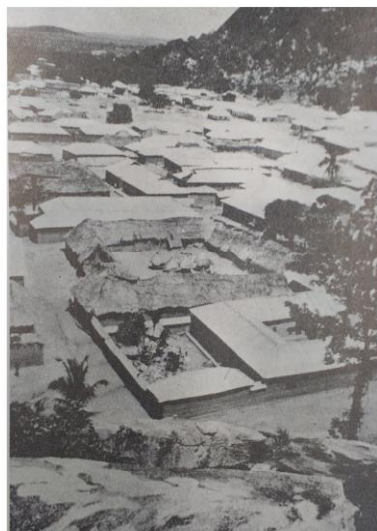
(Fig.04) Sanzala no norte-angolana
Fonte: WEIMER



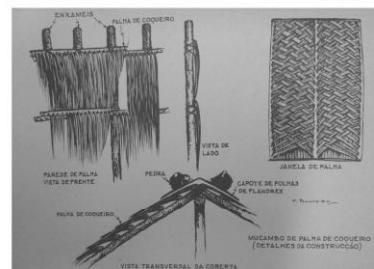
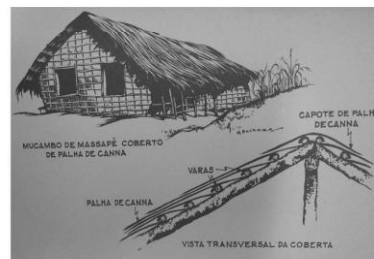
(Fig.05) Quilombo da África Ocidental
Fonte: WEIMER



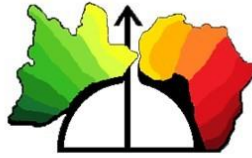
(Fig.06) Quilombo Buraco do Tatu, Bahia, 1764
Fonte: WEIMER



(Fig.07) Egbeti, cidade iorubá, compounds
foto de Pierre Verger. Fonte: CUNHA



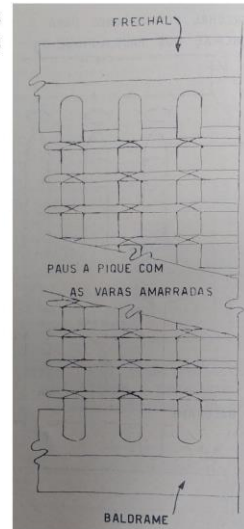
(Fig.08) Mucambo de Massapê e Detalhes uso de Palha nos Telhados, Paredes e Janelas
Ilustrações de Manuel Bandeira em FREYRE



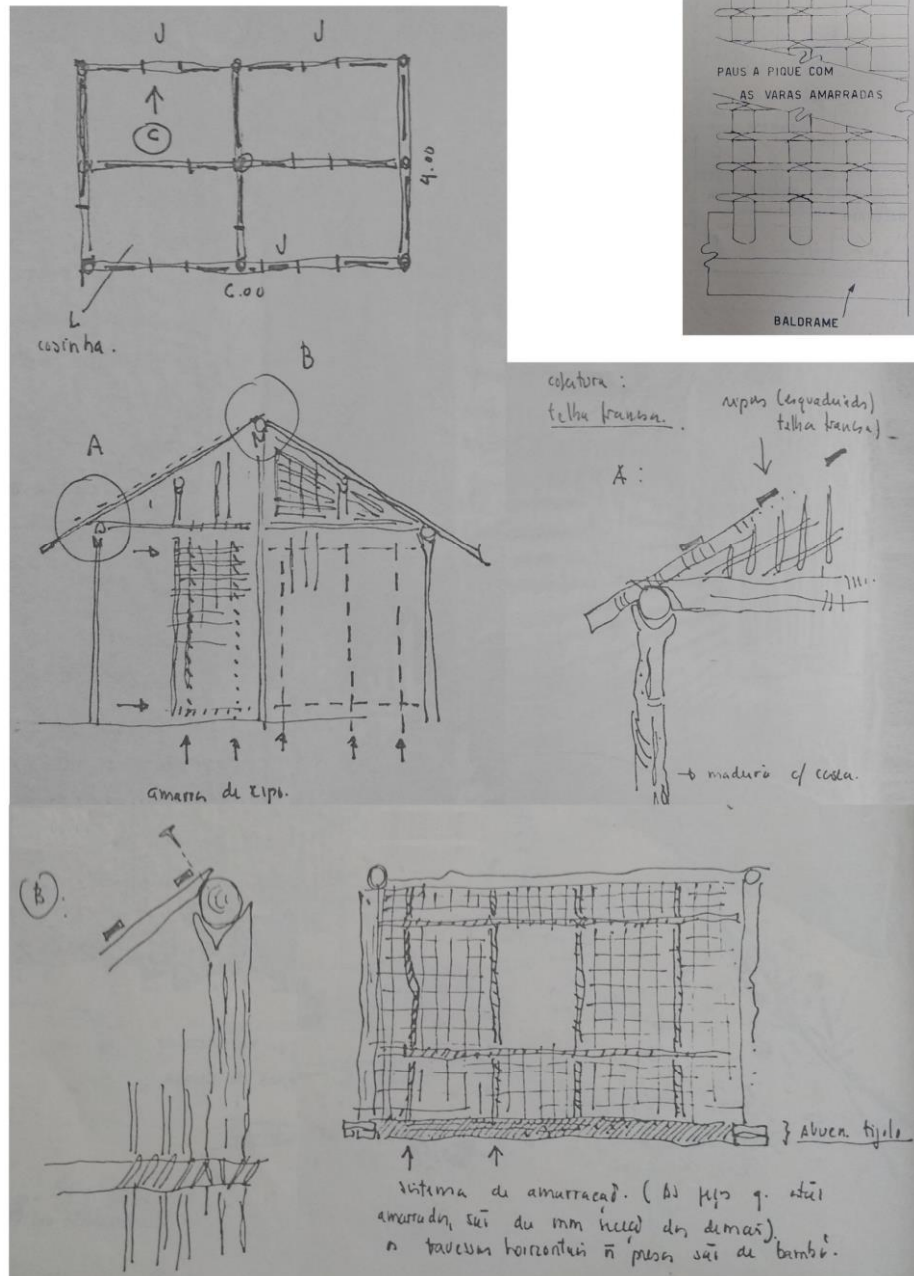
SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

(Fig.9) Paus-a-pique com varas amarradas
Fonte: Sylvio Vasconcelos



(Fig.10) Planta, Vistas e Detalhes construtivos de residência em Campos Novos de Cunha
Fonte: Antônio Luiz de Andrade





SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

7. BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, Antonio Luiz Dias de. *Vale do Paraíba, sistemas construtivos.* Dissertação de mestrado, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. 1984.

CHUVA, Márcia. *Fundando a nação: a representação de um Brasil barroco, moderno e civilizado.* Topoi, v.4, n.7, jul-dez. 2003, p.313-333

CORONA, Eduardo & LEMOS, Carlos Alberto Cerqueira. *Dicionário da Arquitetura brasileira.* São Paulo: Edart, 1972. p.362, 437-439

COSTA, Lucio. *Documentação Necessária.* In: Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Rio de Janeiro: 1937

CUNHA, Mariano C.; CUNHA, Manuela C; VERGER, Pierre (fotos). *Da Senzala ao Sobrado: arquitetura brasileira na Nigéria e República Popular do Benin.* São Paulo: Nobel e Edusp, 1985.

FREYRE, Gilberto. *Mucambos do Nordeste: Algumas notas sobre o tipo de casa popular mais primitiva do nordeste do Brasil.* Rio de Janeiro, SPHAN-MÊS, s.d. (1937)

LIRA, José Tavares Correia. *A construção discursiva da casa popular no Recife (década de 30).* Revista Análise Social, vol. XXIX (127), 1994. (p.733-753)

MARQUES, SÍLVIA CORRÊA. *Paisagens reveladas: o Jaó cabloco, quilombola, brasileiro.* Tese de doutorado. Universidade de São Paulo, Museu de Arqueologia e Etnologia. São Paulo: 2002. (p.78-79)

MARQUESE, Rafael de Bivar. *Moradia escrava na era do tráfico ilegal: senzalas rurais no Brasil e em Cuba, c. 1830-1860.* Anais do Museu Paulista, v.13. n.2. Jul – Dez. 2005.

MUNANGA, Kabengele. *Origem e Histórico de Quilombo na África.* Revista USP, São Paulo, Dezembro/ Fevereiro 95/96, p. 56-63.



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

NAVES, Rodrigo. *A forma difícil: ensaios sobre arte brasileira.* São Paulo : Companhia das Letras, 2011.

RYKWERT, Joseph. *A Casa de Adão no Paraíso.* São Paulo: Perspectiva, 2003.

SILVA, Vagner Gonçalves da. *Candomblé e Ubanda: caminhos da devoção brasileira.* São Paulo: Selo Negro, 2005. (p.63-65)

SLENES, Robert W. *Na senzala uma flor: esperanças e recordações na formação da família escrava, Brasil Sudeste, século XIX.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

SOUZA, Marina de Mello. *África e Brasil Africano.* São Paulo: África, 2006.

VASCONCELLOS, Sylvio C. de. *Arquitetura no Brasil – sistemas construtivos.* Belo Horizonte, Escola de Arquitetura UFMG, 1958.

WEIMER, Günter. *Arquitetura Popular Brasileira.* São Paulo: WMF Martins Fontes, 2005.